

## HENRY CHRISTOPHE E GETÚLIO SANTOS BEZERRA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE<sup>1</sup>

Max Milner, em *Fantasmagorie*<sup>2</sup>, procura estabelecer a relação entre os processos de produção textual e a evolução de teorias e técnicas que, conforme o autor, condicionam a posição do homem ante o mundo que o cerca e influenciam na representação que se faça desse mundo.

Partindo da evolução histórica dos instrumentos ópticos, o autor vai procurar mostrar o texto literário como "machine à faire voir"<sup>3</sup> e, considerando particularmente o texto fantástico, observa que, nesse tipo de texto, os instrumentos ópticos estão integrados à estratégia de revelação de aspectos e espaços velados. Dos instrumentos ópticos, considera o autor, o espelho é o mais apto a revelar os poderes ambivalentes da imaginação artística. Ao relacionar o espelho com o tema do duplo, Max Milner pretende não apenas determinar os efeitos vacilantes que o olhar-se a si próprio pode indiciar, como ainda considerar os sentimentos de estranhamento que a personagem tem de si mesma, ao ver-se refletida na superfície lisa do espelho<sup>4</sup>.

As observações de Milner levaram-nos a refletir sobre o problema da identidade do sujeito com relação a si próprio e, ainda, com relação ao mundo que o cerca, tal como nos apresentam textos como *La tragédie du Roi Christophe*, de Aimé Césaire<sup>5</sup>, e *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro<sup>6</sup>.

Embora tais textos não possam ser considerados fantásticos na classificação estrita do gênero, coloca-se neles, no entanto, o problema do estranhamento particularmente com relação ao processo de ver-se com os olhos do outro, conforme se efetua nas personagens Henry Christophe e Getúlio Santos Bezerra. Pensamos ser possível determinar, nos textos em questão, o problema da falta de identidade das personagens, motivada pela presença sufocante de um dominador que, impossibilitando uma outra forma de ser, impõe a sua marca, a sua palavra, o seu modelo. Em ambos os textos, o conflito surge da impossibilidade de se fazer eclodir a reversão, já

que as personagens nada mais são que títeres de um sistema de valores incontestável, espelho que, ainda que induza ao estranhamento, não propicia a contestação. Por isso, é conflitante a situação dos protagonistas dos dois textos. A ação que move seus objetivos, a fala que explicita a interação das personagens com o mundo são índices de um crescente deslocamento com relação a esse mesmo mundo.

Tanto em *La tragédie du Roi Christophe*, quanto em *Sargento Getúlio* somos levados a assistir ao jogo que se processa entre a imagem que a personagem tem de si e uma outra estranha, desconcertante, geradora de inquietação, e que a coloca em conflito.

No texto de Césaire, a figura central, Henry Christophe, contrói-se à imagem e semelhança de seus colonizadores franceses. No intuito de criar uma nação independente, o rei faz de seu governo uma réplica das cortes européias e, de si um Napoleão tropical. Impõe a seu povo um regime forte, certo de que o respeito e a consideração do mundo adviriam dessa reprodução perfeita do modelo europeu.

Moldar um país novo significa, então, para Henry Christophe e seus auxiliares, recompor o caos deixado pela revolução e, principalmente, recriar o país conforme a expectativa do mundo dito civilizado:

Vastey  
haussant le ton et comme haranguant la foule.

Le monde entier nous regard, citoyens, et les peuples pensent que les hommes noirs manquent de dignité!  
Un roi, un cour, un royaume, voilà, si nous voulons être respectés ce que nous devrions leur montrer, (LTRC, 28)

Perpassa pelo texto, é bem verdade, uma preocupação latente com a rejeição ao domínio dos antigos colonizadores. O próprio Henry Christophe coloca-se sempre como o criador da nova nação e da nação negra, filha legítima da África. No entanto, tal contestação sufoca-se no obstinado esforço de reconstruir o país, retomando, paradoxalmente, os valores anteriormente contestados e criando uma "réplique en noir de ce que la vieille Europe a fait de mieux en matière de cour". (LTRC, 31)

A formação do país pauta-se, pois, pela necessidade de provar aos brancos colonizadores que os negros são tão capazes de compor um reinado e exercer o poder quanto o foram os seus mestres.

Henry Christophe inscreve nessa decisão o malogro de seu projeto. Sua figura de rei, canhestamente construída, ajusta-se à construção da "Citadelle"<sup>7</sup>, de significação ambivalente também, porque, ao procurar glorificar a liberdade do povo haitiano, recupera para esse mesmo povo a opressão, a escravidão. A autenticidade de negra buscada pelo rei anula-se, assim, ante o projeto de restaurar a imagem permitida pelo branco. Daí o paradoxo: buscando cristalizar a liberdade e reconstruir o país "avec ses formidables mains de potier pétrissant l'argile haitienne" (LTRC, 32), recupera a escravidão. Jurando manter a integridade do território do reino<sup>8</sup>, Henry Christophe calca nos seus súditos e em si mesmo a marca dos dominados.

O texto de Césaire, tratando do tema da formação do novo homem haitiano<sup>9</sup>, levanta o problema da falta de identidade dos povos colonizados, marcados que são pelo poder do colonizador. Por isso, a construção da "Citadelle" traz, como os homens, a marca de uma contradição irremovível. Pretendida como "la liberté de tout un peuple" (LTRC, 62-3), transforma-se na concretização de nova escravidão e na mumificação da revolta. A fortaleza erguida em homenagem ao povo haitiano - "a ce peuple qu'on voulut à genoux" (LTRC, 63) - cala a rebeldia e acentua a impossibilidade de se afirmarem os traços característicos do povo, sua identidade enfim. Ao colonizador foi imposto um modelo que, embora rejeitado, continua sendo o espelho em que se miram os oprimidos. Por isso é trágica a soberania de Henry Christophe. Não consegue afirmar-se como rei, como construtor da nova nação, já que, propondo um futuro de glória ao seu povo, reafirma o poder colonizador. O descentramento entre a figura do rei que promete cobrir de glória os antigos escravos<sup>9</sup> e a figura do déspota provoca nele um sentimento de desapropriação, no sentido a que se refere Milner. Henry Christophe imagina-se no vo Napoleão e acredita que essa seja a imagem com que provará ao mundo o valor de seu povo, da mesma forma que acredita ser a "Citadelle" a garantia dessa nova era.

Antevendo a construção como o símbolo de um futuro marcado pela liberdade, como a concretização do orgulho e da honra do seu povo, Henry Christophe obriga, com mãos de ferro, homens, mulheres, crianças e velhos a trabalharem até à exaustação e à morte.

É principalmente, a construção da fortaleza que vai questionar a imagem que o monarca tem de si. Se para ele a "Citadelle" funciona como o espelho que deverá refletir os ideais da nova nação,

para o povo, retornando à escravidão para construí-la, ela não é senão a revivência da colonização que os negros querem enterrar. Daí, a figura do pai benevolente que quer cobrir de orgulho a antiga infâmia<sup>10</sup>, opõe-se a figura do pai duro, cruel, réplica do dominador.

O mesmo processo de estranhamento pode ser inferido da inglória viagem de Getúlio dos Santos Bezerra, em *Sargento Getúlio*, à capital sergipana, cumprindo ordem de Acrísio Antunes. O longo monólogo de Getúlio constrói para o leitor uma imagem da personagem colada ao contexto social a que se liga. Violento, porque pertence a um mundo que se talha pela violência, Getúlio tem uma visão pragmática de tudo e sua fala alucinada delinea o seu ser: teme-te a Deus - "quando menos a gente espera, Deus pega um e torce o pescoço e não tem chororô" (SG, 22) -, descrente das mulheres, cumpridor de ordens. Não há em sua fala, uma contestação significativa ao mundo em que vive. Aceita-o tal qual ele se apresenta. Há, pode-se dizer, uma empatia entre ele e o mundo que o formou. Os provérbios, os preceitos e preconceitos que tecem a fala de Getúlio dão mostra do seu ser. Primitivo, rude, ele se configura como o ser gerado por um mundo em que as coisas já nascem qualificadas, prontas, numa determinação maniqueisticamente imutável. Preconceitos e superstições tecem-lhe o pensar e formam o seu discurso, e, de certa forma, Getúlio se assemelha a Henry Christophe, ambos incapazes de descobrir o outro sentido que está para além das aparências.

O que se observa no texto de Aimé Césaire com relação à construção da personagem também pode ser avaliado em *Sargento Getúlio*. Nos dois textos, os protagonistas se colocam como questionamento do mundo a que pertencem. Entretanto, a aparente empatia com o mundo faz eclodir neles o desacerto, a estranheza, o descompasso enfim.

Nesse sentido, é pertinente chamar a atenção para uma outra questão que tanto um texto quanto o outro levantam.

Em *La Tragédie du Roi Christophe*, Henry Christophe coloca-se como o homem do verbo, como aquele que irá construir o novo homem haitiano. Com suas mãos negras, mãos de antigo escravo, ele molda o novo mundo:

C'est une haute pensée, Messieurs, et j'ai plaisir à voir  
que vous l'avez saisie dans toute sa plénitude.  
Tout son sérieux profond!

Ces noms nouveaux, ces titres de noblesse, ce couronnement!  
Jadis on vous vola nos noms!  
Notre fierté!  
Notre noblesse, on je dis on nous les vola!

\*\*\*\*\*

Moi même  
Votre Roi  
Sentez-vous la douleur d'un homme de ne savoir pas de  
quel nom il s'appelle? (LTRC, 37)

Todavia, como já salientamos, para construir esse novo mundo, Henry Christophe não ouve a voz do seu povo. Impõe, à força, sua forma de ver o mundo, moldada pela percepção que o europeu, particularmente o francês, tem de seus colonizados<sup>11</sup>. Pretendendo lutar contra a colonização, Henry Christophe, num certo sentido, recoloniza o seu povo e com rigidez maior. A imagem do colonizador, que se materializa na corte francesa de Henry Christophe e na sua carnavalesca figura napoleônica, é no entanto, constantemente ameaçada pela própria situação em que se instala a monarquia. Ao mesmo tempo em que ele, fazendo-se rei, proclama o poder dos negros, inibe a verdadeira identidade negra do seu povo e suas raízes africanas. África e Haiti são vistos por ele como o caos, a desordem e, principalmente, como a oposição ao mundo civilizado, à Europa:

Pauvre Afrique! Je veux dire pauvre Haiti!  
C'est la même chose d'ailleurs. Là-bas la tribu,  
les langues, les fleuves, les castes, la forêt,  
village contre village, hameau contre hameau.

Ici, nègres, mulâtres, grigges, marabouts,  
que sais-je, le clan, la caste, la couleur,  
méfiance et concurrence, combats de  
coqs, de chiens pour l'os, combat de poux!

(Rugissant.)

Poussière! Poussière! Partout de la poussière!  
Pas de pierre! De la poussière! De la merde et de la  
poussière! (LTRC, 49)

Pode-se perceber, pelo texto, que a fala de Henry Christophe expressa a visão depreciativa do colonizador em relação ao Haiti e à África. A terra é pobre, a nação não é propícia ao progresso, e o povo, lerdo e indolente: "L'ennemi de ce peuple, c'est son indolence, son effronterie, sa haine de la discipline, l'esprit de jouissance et de torpeur". (LTRC, 29)

Henri Mitterand, em "Nègres et négriers dans *Le voyage au bout de la nuit*"<sup>12</sup>, assinala o fato de, no texto analisado, a palavra

exercer um papel essencial. Considerando as relações colonizador/colonizado, observa que o direito à palavra pertence apenas ao colonizador, ao dominador, que detém o monopólio da fala. Ao dominado cabe o silêncio, a mudez ou, então, o direito de falar as palavras permitidas, num discurso que não traz marcas de sua autenticidade.

Em *La Tragédie du Roi Christophe*, Henry Christophe fala por seu povo, fazendo-o calar e rejeitando qualquer voz que o conteste. Pune com a morte qualquer tipo de transgressão, despreza os conselhos daqueles que tentam chamá-lo à razão, como os de sua mulher ou os do primeiro arcebispo, Corneille Brelle, assassinado por se opor à sua forma de governo. Desse modo, somente o que repete a fala do rei é permitido. A palavra de contestação é sufocada pelo castigo ou pela morte.

O ato de fazer calar a voz da contestação que, no caso, seria a do povo, da nação, conduz o monarca ao desvario: calando o povo, franqueia a voz do dominador e perpetua, dessa forma a submissão que ele imagina contestar.

Em *Sargento Getúlio*, a fala de Getúlio é, também, a fala permitida. O domínio da palavra não conduz ao monopólio do mundo em que ele vive, já que, como se percebe claramente, Getúlio é falado pelas relações de poder que informam esse mundo. Há um código comum entre a ordem a que Getúlio serve e ele, soldado que é da Polícia Militar e capanga a serviço de poderoso chefe político.

No plano social, Getúlio ocupa, pois, o mesmo espaço do dominado, do colonizado, do escravo. Submisso, sem direitos, cumpridor de ordens.

Na situação particular da viagem, Getúlio, iludido por um poder que ele supõe ter, manipula o preso e Amaro com sua fala alucinada. É significativo o fato de que, ao castigar o preso pela "infração" de caráter sexual, Getúlio arranca-lhe os dentes para dificultar-lhe a fala (e inibir o poder que "o coisa", mesmo permanecendo calado, detém). Também é significativo Getúlio sonhar com ser cangaceiro e registrar que, se o fosse, "ia falar pouco e fazer muito" (SG, 91). Nos dois momentos, percebe-se a visão que Getúlio tem do mundo. Dominado por um sistema social em que quem fala é o que detém o poder, Getúlio impede a fala do preso, tentando tirar-lhe o poder, mas, ao mesmo tempo, reconhece que falar muito - como ele fala - não significa ser dono da palavra:

Meto um dedo no ouvido bem de leve, e devagarinho vou sacudindo, vou sacudindo, e solto um aboio alto pelos ares Mas ninguém escuta, não tem boiada, o meu aboio é oco. (SG, 40)

De certa forma, Getúlio tem consciência da inutilidade de sua fala, de seu pretense poder. Daí a percepção amarga que vai, aos poucos, intuindo ao longo de sua caminhada. A sua fala alucinada é oca, vazia de sentido, é falação, e, apesar da valentia, ele não tem domínio de nada: "Eu sou sargento da Polícia Militar do Estado de Sergipe. Não sou nada, eu sou é Getúlio". (SG, 73)

Repete-se, no texto de João Ubaldo Ribeiro, a imagem inquietante a que se refere Milner. À medida que Getúlio, no cumprimento de sua missão, vai perdendo o poder, que imagina ter, vai-se desvelando para ele a sua própria imagem, reflexo da ordem social que a informa. Getúlio Santos Bezerra, Sargento da Polícia Militar do Estado de Sergipe, toma consciência da sua inutilidade. O mundo que o formou não lhe deu direito à fala, a não ser enquanto repetição tautológica do discurso do Outro. E, tragicamente, quando o sentido desse discurso substitui-se por outro, Getúlio perde-se no vazio de sua falação e sente-se ameaçado no seu próprio eu: "...estou-lhe dizendo, doutor, não sou mais aquele que o senhor mandou para Paulo Afonso, ele era ele e agora eu sou eu". (SG, 112)

Deixar de ser executor das ordens do seu chefe político, dos dominadores do seu mundo, significa, no entanto, não ser ninguém. Por isso a possibilidade de sua existência e da significação de sua fala, só pode ser alcançada pela recorrência ao mito. Getúlio sai de um tempo datado e inscreve-se na eternidade mítica: "... porque eu sou eu, Getúlio Santos Bezerra, e meu nome é um verso que vai ser sempre versado (...)" (SG, 114)

Tal solução se ajusta ao texto de Césaire que vimos analisando. A inserção de Henry Christophe no espaço do negro, a valorização de suas raízes africanas e, por extensão, a rejeição à imagem do colonizador, dá-se também no plano mítico. Somente após sua morte é que Henry Christophe passa a ser considerado o pai da nação haitiana.

Page Africain

Père, nous t'installons à Ifé sur la colline aux  
trois palmiers  
Père, nous t'installons à Ifé dans les seize rhombes

du vent  
A l'origine  
Biface!  
Ici patience et impatience  
défaite et victoire  
Faisceau d'écailles à contre-jour  
échangeant leurs armes, leurs larmes.  
Force de nuit, marée du jour.  
SHANGO  
Je te salue, O ... quand tu  
passeras par les promenoirs du ciel,  
monté sur les béliers enflammés de l'orage. (LTRC, 152)

Assim, tanto num texto quanto noutra, somos levados a ver as relações sociais estruturando uma forma de ser que inibe a verdadeira identidade. É o olhar do Outro que constrói o Eu e forma a imagem que a personagem tem de si mesma. Considerando, nos textos em questão, as relações dominador/dominado como forma de apreensão crítica do texto literário, entendido, segundo Henri Mitterand, como "un discours sur le monde"<sup>13</sup>, podemos repensar as observações de Milner sobre a inquietação provocada pelo ver-se ao espelho.

Embora os estudos desse autor, como já acentuamos, voltem-se para a análise de textos fantásticos, numa perspectiva psicanalítica, achamos pertinente estender suas observações a outros textos e considerar que o sentimento de desapropriação do Eu surge, de forma angustiante, quando o indivíduo questiona a sua própria imagem refletida no espelho das relações sociais. O descentramento entre a imagem que o indivíduo tem de si e a que lhe é dada pelo olhar do Outro induz ao esfacelamento do ser, já que - pelo mesmo nos textos em questão - o indivíduo só é possível enquanto olhar do Outro (do colonizador, do chefe político, da classe dominante), e cegar esse olhar significa marcar a impossibilidade de sua existência.

## NOTAS

1. Este trabalho foi planejado em 1983, quando frequentávamos o Seminário de Literatura Comparada na Universidade de la Sorbonne



Nouvelle, Paris. A versão inicial pretendia analisar, nos textos em questão, apenas o elemento mítico.

2. MILNER, Max. *La fantasmagorie*. Paris, PUF, 1982.
3. \_\_\_\_\_. op. cit., p. 7.
4. Tratamos do problema do estranhamento em relação ao olhar do Outro, tomado como variante do espelho em: FONSECA, Maria Nazareth Soares. Efeitos de Espelho em "Viagem aos Seios de Dúlia". In: *\_. O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, (1): 31-40.
5. CÉSAIRE, Aimé. *La tragédie du Roi Christophe*. Paris, Presence Africaine, 1963. A representação literária da história de Henry Christophe, que governou o Haiti com excesso de fanatismo e rigor de 1811 a 1820, constituiu o tema do Seminário de Literatura Comparada do Prof. Henri-Daniel, PAGEAUX, na Universidade Sorbonne Nouvelle, primeiro semestre de 1983. Além do texto de Césaire, foram trabalhados *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, e *Ils de Tempête*, de Bernard B. Dadié, que tratam do mesmo tema. Todas as citações subseqüentes serão indicadas por LTRC, seguindo-se o(s) número(s) da(s) página(s).
6. RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. 3a. ed. Rio de Janeiro, Artenova, 1978. As citações do texto serão indicadas por SG, seguidas do(s) número(s) da(s) página(s).
7. Fortaleza construída por Henry Christophe, para proteger o país de invasões francesas. Na constituição haitina de 1805 consta: "Ao primeiro tiro de canhão, as cidades desaparecerão e a nação toda em pé de guerra". Haiti: Pérola Negra das Antilhas. In: *\_. Revista Geográfica Universal*. Rio Bloch Editores, 1982 (94): 7-24.
8. CÉSAIRE, Aimé. op. cit., p. 39.
9. Idem, p. 37.  
"Allons

de noms de gloire je veux couvrir vos noms d'esclaves  
de noms d'orgueil nos noms d'infamie,  
de noms de rachat nos noms d'orphelins!  
C'est d'une nouvelle naissance, Messieurs, qu'il s'agit!"

10. Idem, ibidem.

11. Ver, a esse respeito, a obra: TODOROV, Tzvetan. *La conquête de l'Amérique, La question de l'autre*. Paris, Seuil, 1982.

12. MITTERAND, Henri. Nègres et négriers dans *Le voyage au bout de la nuit*. In: \_\_. *Le Discours du roman*. Paris, PUF-écriture, 1980. p. 91-104.